

# Hipertexto digital e gêneros discursivos

Flávia Sílvia Machado Ferraz<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)  
flasilma@yahoo.com.br

**Abstract. Abstract.** *The following research is based on the concept of genres of the discourse and dialogism, as it is proposed by the Bakhtin and his Circle in order to study the occurrence of the genres article and reportage from the electronic magazine of scientific divulgation, Com Ciência. Therefore, the analysis category chosen was the digital hypertext that has a narrow relation to the dialogical aspect of the text. The main objective of this article is to trace a typological survey of the different levels of intertextuality present in the hypertext: (i) remission to texts from the same reportage; (ii) remission to other texts from the site Com Ciência e (iii) remission to extern texts and relate them to the respective genres in which they are inserted.*

**Keywords.** *Discourse analysis; dialogism; hypertext.*

**Resumo.** *Este trabalho apóia-se nas noções de gênero discursivo e dialogismo, tal como propostas pelo círculo de Bakhtin, para estudar a ocorrência dos gêneros artigo e reportagem nos dossiês da revista eletrônica de divulgação científica, Com Ciência. Para tanto, a categoria de análise escolhida foi o hipertexto digital que faz alusão ao caráter dialógico do texto. O objetivo central desta comunicação é traçar um levantamento tipológico dos diferentes níveis de intertextualidade presentes no hipertexto, a saber: (i) remissão a textos do mesmo dossiê; (ii) remissão a outros textos do site Com Ciência e (iii) remissão a textos de sites externos e relacioná-los aos respectivos gêneros em que estão inseridos.*

**Palavras-chave.** *Análise do discurso; dialogismo; hipertexto.*

## 1. Dialogismo e gêneros do discurso

Filiando-se aos conceitos do Círculo de Bakhtin, apoiare-mo-nos nas noções centrais de suas obras a fim de analisar o Discurso de Divulgação Científica (doravante DDC) constituído no suporte Internet. A teoria do Círculo bakhtiniano concebe a linguagem em sua natureza social, caracterizada pelos seus aspectos discursivos e enunciativos, e não somente em suas peculiaridades formais. A língua é compreendida como atividade social, histórica e cognitiva – em sua natureza funcional e interativa da língua – e não pelo seu aspecto formal e estrutural, conforme contemplado por outras teorias lingüísticas.

Nesse contexto teórico, a linguagem é, portanto, entendida como uma forma de ação social e histórica concretizada por meio do discurso. Segundo afirma Bakhtin (1979 / 2003), em *Problemas da poética de Dostoievski*, sobre seu objeto de estudo,

(...) temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (p.181).

Em sua materialidade, a língua pode ser formalmente categorizada em níveis como o fonético-fonológico, morfológico e sintático. Ao passo em que, encarada sob forma de discurso, a língua possui o enunciado como categoria distintiva básica.

Sob esta perspectiva de língua, temos que todo o signo lingüístico ou palavra – “fenômeno ideológico por excelência” (Bakhtin, 2004: p.36) – representa o modo mais puro das relações sociais, configurando-se produto ideológico que refrata a realidade. Dessa maneira, a língua constitui-se como um sistema de signos ideológicos determinados pelas diversas formas de interação social.

Não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. (Bakhtin, 2004: p.36)

A noção de dialogismo representa a base de sustentação para todos os desdobramentos da teoria bakhtiniana, sendo concebida como “princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso” (Barros, 2003:2). Pode ser entendida, no âmbito da teoria do Círculo bakhtiniano, como a relação entre “enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (Bakhtin: 1979/ 1992, 323) pertencentes a um mesmo plano de sentido.

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos lingüísticos), acabam em relação dialógica. (1979 / 1992, p. 323)

O aspecto dialógico está instaurado não na relação da língua com as coisas do mundo, mas sim, na relação discursiva entre enunciados. Isto é possível pelo fato de o enunciado ser dotado de um sentido que lhe foi conferido sócio-historicamente. Por isso, as relações dialógicas são, também, relações semânticas.

Nas obras do Círculo de Bakhtin, há exemplos de como o dialogismo é constituído no processo de enunciação. Desde modalidades do diálogo cotidiano aos atos de fala impressos (tal como um livro que pode ser comentado, resenhado ou

transformado em objeto de estudo científico), o dialogismo pode ser estabelecido por meio de qualquer forma de interação verbal. Segundo Bakhtin (1979/1992, p. 98), “toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo na cadeia dos atos de fala”.

Toda enunciação é dialógica ao passo que retoma elementos que já foram concretizados e prepara terreno aos novos elementos que cada nova situação social fará emergir na língua. Ou seja, “cada enunciação, cada ato de criação individual e único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores” (Bakhtin, 2004: p.77).

A comunicação verbal somente torna-se possível por meio da ocorrência de enunciados presentes no interior de algum gênero discursivo. Para cada esfera da atividade humana, emanam enunciados que refletem “as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (Bakhtin, 1992: 279).

A fim de que tais condições e finalidades sejam concretizadas na superfície da língua, os enunciados obedecem à recorrência de três fatores estruturais básicos: estilo, conteúdo temático e construção composicional. Ou seja, esses *tipos relativamente estáveis* de enunciados formam os *gêneros discursivos*. Os gêneros discursivos correspondem à concretização da língua em diferentes situações sociais em meio ao processo de interação verbal.

A noção de gênero discursivo proposta por Bakhtin reflete o grande diálogo histórico sobre a recorrência dos tipos estáveis de enunciado que ocorre desde a Grécia antiga. Para compor tal noção de gênero, segundo Bakhtin, temos a seguinte definição:

(...) todos esses três elementos — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciado*, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (Bakhtin: 1979).

O conteúdo temático diz respeito ao próprio sentido da enunciação. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é definido como “um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo” (p.128). O tema da enunciação vale-se tanto das formas lingüísticas quanto pelos elementos extra-verbais da situação de comunicação. Assim como a própria enunciação, o tema é “individual e não reiterável”.

O estilo refere-se à individualidade de expressão de cada sujeito presentes no enunciado. Segundo Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, “o enunciado – oral e

escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (p.283). No entanto, alguns gêneros são mais suscetíveis a refletir a individualidade do enunciado.

A forma composicional equivale à estrutura lingüística responsável por manter “as semelhanças entre uma ‘família’ de textos” (Grillo, 2004:45). Este fator confere o caráter estável aos enunciados.

Os gêneros do discurso foram classificados, segundo Bakhtin, por primários e secundários. A diferença básica entre eles está no grau de complexidade em cada um dos componentes do gênero – tema, estilo e forma composicional – sendo que os primários sugerem gêneros de ordem mais simples e os secundários, gêneros de ordem mais complexa.

Os gêneros secundários do discurso [dentre eles os científicos] aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita. (...) Esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (Bakhtin, 1992: p.281)

Os gêneros selecionados para análise, artigo e reportagem, pertencem ao grupo dos gêneros discursivos secundários. Tais gêneros emergiram, outrora, da transmutação de algum tipo de gênero primário. Considerando o novo suporte digital, observa-se que os ‘antigos’ gêneros vêm se adaptando ao formato tecnológico ao passo que divide espaço com novas transmutações de gêneros, como o e-mail, por exemplo.

## **2. Hipertexto digital**

Apesar de originalmente ter se alimentado de gêneros da mídia impressa para compor a sua organização textual, a particularidade que mais distancia a Internet dos outros tipos de mídia é, certamente, o modo com que atualmente disponibiliza seu conteúdo. A estrutura do texto veiculado na rede permite ao usuário leitor acessar vários tipos de informações e até navegar por outros *sites* por meio de elos eletrônicos chamados de *hiperlinks*, que possuem “um papel relevante na construção de sentido nos textos virtuais” (Cavalcante, 2004).

Tecnicamente, o hipertexto é produto de diferentes informações digitais interconectadas que utiliza *links*, sons, imagens e diagramas, a fim de permitir que o leitor decida o modo com que a sua leitura deve avançar. Esta estrutura hipertextual eletrônica, segundo Levy (1999: 33) pode ser definida por um “conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos serem hipertextos”.

Sob o ponto de vista lingüístico, temos uma gama de opiniões diferentes não somente no âmbito terminológico, mas também no plano das definições por parte dos autores que vem se dedicando à pesquisa em torno do hipertexto digital.

Ao passo em que Marcuschi (2004) descentraliza o caráter não linear da hipertextualidade e elege a presença do *link* eletrônico como seu fator fundamental, Xavier (2004) minimiza a participação desses nós eletrônicos ao processo de referenciação no hipertexto. Levy (1999), compartilhando do pensamento de Marcuschi, caracteriza o hipertexto “por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais, etc.) e por *links* entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro.” (p. 55-56). Ou seja, para Levy o fator que determina a hipertextualidade é a presença dos *links* eletrônicos.

A meu ver, o hipertexto é um tipo de organização textual que pode ocorrer em suportes diferentes, como o impresso, o televisivo e a Internet, e por mecanismos distintos que podem ser os *links* eletrônicos em ambiente digital, a numeração nas notas de rodapé de um livro, os números das páginas em um índice ou sumário ou os marcadores conversacionais que geram uma digressão remetendo a outros assuntos em uma conversa informal. Trata-se de uma rede de textos / enunciados interconectada por elos discursivos que nada mais são do que os mecanismos supracitados. Sob esta perspectiva, penso que, no hipertexto eletrônico, a presença da tecnologia digital de *links* pode ser o seu fator central, como afirmam Marcuschi e Levy, pois possibilita a estrutura em rede não-linear.

No entanto, resta-nos saber se o *link* – ou qualquer outro mecanismo de nós discursivos – determina o hipertexto, ou se esta estrutura, que está se modificando ao longo do tempo – e vem sendo utilizada bem antes de ser discutida em meio acadêmico – fez com que esses nós emergissem em sua estrutura, apontando, cada vez mais, para fora de si, como uma especialização do processo de referenciação, segundo afirma Xavier. De qualquer maneira é preciso olhar para ambos os lados, pois estes dois fatores não se anulam e, sim, são complementares: o *link* é fator constituinte do hipertexto, mas só existe por conta do mesmo. Um não acontece sem o outro.

### **3. Intertextualidade e *links* eletrônicos: uma forma de dialogismo**

A organização hipertextual torna evidente a relação dialógica entre os enunciados que a constituem por meio da intertextualidade que lhe é peculiar. O jogo dialógico formado pelos nós eletrônicos que interligam diferentes textos é uma característica marcante do hipertexto digital, pois constitui, literalmente, as réplicas de um grande diálogo.

Este diálogo é forjado pelo atrito de diversos enunciados interligados pelos *links* eletrônicos. O suporte tecnológico a que se depara o novo hipertexto viabiliza infinitas possibilidades de diálogo, sendo o leitor indivíduo ativo na escolha das réplicas do mesmo.

As relações estabelecidas pelo *link* eletrônico não são puramente lingüísticas, mas sim, antes de tudo, relações semânticas, de significação. “A relação com a coisa (em sua materialidade pura) não pode ser dialógica (...)”.

A relação com o sentido é sempre dialógica. A própria compreensão já é dialógica” (Bakhtin: 1979, p.327). Ou seja, a compreensão conferida ao processo dialógico não se dá por conta da materialidade da língua e dos aspectos puramente lingüísticos, apenas se vale deles para estabelecer as relações de sentido.

A fim de observar o processo dialógico entre os enunciados eletrônicos, fez-se um levantamento tipológico da remissão intertextual realizada pelos *links* eletrônicos em todo os textos que compõem o *corpus*. Verificou-se que a intertextualidade está presente em três planos, a saber: (i) no envio a textos do mesmo dossiê; (ii) no envio a outros textos do *site Com Ciência* e (iii) no envio a textos de *sites* externos.

### **3.1 Remissão a enunciados internos ao dossiê**

O primeiro plano em que a intertextualidade está instaurada acontece entre enunciados dos gêneros discursivos que formam a mesma reportagem especial. Neste nível, todo o nó eletrônico clicado dá acesso a outro enunciado que permanece interno aos textos do dossiê temático.

O *link* eletrônico, representado pela flecha no quadro 1, é o mecanismo responsável em fazer a ponte entre os enunciados A e B. Neste processo intertextual, os *links* assumem formas de diferentes ordens lexicais e com diferentes funções. Tais formas podem ser divididas de acordo com as seguintes categorias: títulos e subtítulos, expressões científicas, expressões mais gerais que indicam seções da própria reportagem especial, expressões que indicam uma seqüência textual, notas de rodapé e assinaturas.

### **3.2 Remissão a enunciados internos ao *site***

O segundo nível de intertextualidade se dá entre enunciados que estão no *site Com Ciência*, sendo que o enunciado A pertence aos gêneros do dossiê temático e o enunciado B pertence a gêneros presentes em outras seções da revista eletrônica. O quadro 2 traz a perspectiva deste tipo de remissão.

A recorrência de remissão de *hiperlink* a textos internos ao *site Com Ciência*, mas que não fazem parte dos dossiês, é pequena se comparada às demais. Em 2004, por exemplo, não há ocorrência alguma. Já nos demais anos em que os dossiês foram selecionados, os *links* indicam algum texto pertencente a gêneros distintos, tais como resenha e notícia. As categorias encontradas foram: nome de autor, expressão referente à navegação do *site* e nome de filme.

### **3.3 Remissão a enunciados externos ao *site***

O terceiro e último nível de intertextualidade delimitado, com base em nosso *corpus*, diz respeito ao envio a enunciados externos, ou seja, enunciados que se encontram fora do *site Com Ciência*. Temos um enunciado A no interior do dossiê temático, cujo *link* eletrônico leva a um enunciado B localizado em outro *site*, tal como se verifica no quadro 3.

Os *links* externos geralmente remetem a títulos de publicação, expressões científicas, expressões relacionadas à navegação do próprio *Com Ciência*, nome de autores e instituições. Estas ocorrências estão em todos os dossiês e ocorrem com maior incidência no gênero reportagem. Em 2000, há apenas remissão à autores e à instituições.

Ao longo do tempo o envio a *sites* institucionais diminui bastante e o envio a nomes de autores desaparece. No entanto, é crescente a utilização do *hiperlink* sob forma de expressão científica que remeterá a sites externos.

#### **4. Considerações finais: breve comparação ente os gêneros artigo e reportagem**

Os gêneros artigo e reportagem, apesar de localizados no meio computacional, preservam as mesmas características que possuem em outro tipo de suporte, como o impresso. Mesmo com o surgimento dos gêneros discursivos de natureza digital, ou seja, aqueles que nasceram e existem somente na Internet, e com a velocidade com que a tecnologia computacional se desenvolve e modifica a linguagem, esses gêneros mantêm as suas características estilísticas e composicionais.

O suporte Internet não deslocou o caráter opinativo dos artigos, ou mesmo o caráter informacional das reportagens. Lembramos que o suporte é parte constitutiva do gênero e não seu fator único e determinante. Entretanto, o suporte potencializa aspectos que podem ser explorados no âmbito dos gêneros discursivos, por meio de sua tecnologia.

No caso dos gêneros discursivos aqui analisados, o suporte possui uma variante importante que diferencia o hipertexto digital dos demais e que se torna um elemento principal para a construção de sentido, o nó eletrônico. Logo, buscaremos entender de que forma este aspecto interage com os artigos e reportagens dos dossiês temáticos, bem como o comportamento desses gêneros em relação ao suporte.

Inicialmente, percebemos que, ao longo dos anos 2000 e 2004, há uma oscilação do aspecto quantitativo de *links* que remetem a textos internos de cada dossiê. Na série sobre *Clonagem* (2002), há uma diminuição significativa dos *links* em relação aos outros dossiês. No entanto, o fator mais importante que se pode observar, implicado pela diacronia dos dados, é o aumento de *links* nos artigos, uma vez que passam a ser publicados com maior incidência. Em 2000, há poucos artigos e somente um deles possui *hiperlink*.

Aparecendo com mais frequência nos artigos em 2002 e 2004, o *link* deixou de lado o caráter primordialmente organizacional que possui na primeira etapa dos dossiês (como forma de seqüenciação textual, por exemplo) para fortalecer a construção de sentido estabelecida no diálogo com sujeitos individuais e institucionais da esfera da ciência. Há um aumento de *links* cujos termos são especializados, o que fortalece o diálogo com a esfera científica.

Quando o *hiperlink* nos remete a *sites* externos que pertencem à esfera estritamente científica, o hipertexto parece não só constituir um diálogo com esta esfera, mas sim dar voz ao campo da ciência. Neste caso, o respaldo científico seria dado não somente pela voz do cientista, mas também pela instituição cujo *site* está ali sob forma de *link*, como podemos ver no exemplo em (3):

(3) Segundo a [The Scientist](#) um ano após a decisão de Bush, nem todos os pesquisadores estavam conseguindo acesso às linhagens de células-tronco embrionárias para o financiamento público de seus experimentos e os investimentos na área eram poucos, devido às incertezas legais e políticas em torno do assunto.

Já a presença de *links* externos que remetem a títulos de publicação, expressões, nome de autores e instituições é grande em todos os dossiês e ocorre com maior incidência no gênero reportagem. Em 2000, há apenas remissão a autores e instituições. Ao longo do tempo o envio a sites institucionais diminui bastante e o envio a nomes de autores desaparece. No entanto, é crescente a utilização do *hiperlink* sob forma de expressão científica que remeterá a *sites* externos.

Os artigos tendem a adquirir mais *links*, em 2002 e 2004, que remetem a outros gêneros (resenha e notícia), nome de filme, títulos de publicação e expressões em geral. No último dossiê, há uma novidade: notas de rodapé, fator que demonstra uma especialização da utilização dos recursos digitais para facilitar a recepção do gênero em questão.

Contudo, a incidência de *hiperlink* no gênero reportagem é esmagadoramente maior em relação aos artigos. Dentre as ocorrências, eliminando o próprio título das reportagens que estão sob forma de *link* eletrônico, destacam-se expressões científicas, nome de autores e de instituições em geral. A partir de 2002, incluem-se títulos de publicações externas ao *site Com Ciência*.

Mesmo depois do aumento significativo de *hiperlink* em artigos, este gênero parece não comportar o *link* da mesma forma com que o gênero reportagem. Ao meu ver, isto ocorre pelo fato de o artigo ser mais autoral e, por conta disso, demarcar uma opinião, enquanto a reportagem pode trazer perspectivas diferentes sobre o mesmo assunto.

A reportagem abre espaço para o conflito de vozes enquanto que o artigo busca vozes diferentes para compor um discurso de vozes unitárias, para corroborar sua posição ideológica. Quando levanta idéias contrárias, o artigo o faz com o

mesmo objetivo, constituir um pensamento, mas, desta vez, por oposição àquilo que não se julga ser coerente. Dessa forma, a recorrência de *links* em artigos aparece em menor proporção.

## 6. Referências

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.(Original russo: 1979).

\_\_\_\_\_. O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.(Original russo: 1979).

\_\_\_\_\_. A pessoa que fala no romance. In: *Questões de Literatura e Estética. A teoria do romance*. 3ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 p.181-272. (Original russo: 1979).

\_\_\_\_\_/VOLSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1992a.

**COMCIÊNCIA** revista eletrônica. Desenvolvida pelo Labjor da UNICAMP. Disponível em <[www.comciencia.br](http://www.comciencia.br)>.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Gênero, arquivo e corpus. In: *A produção do real em gêneros do jornal impresso*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, p. 25-34, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 13-67, 2004.

VOGT, Carlos. Revista Com Ciência: Publicação eletrônica de divulgação científica. In: GUIMARÃES, Eduardo. *Produção e circulação do conhecimento*. Campinas: Pontes Editores, p. 109-124, 2001.